2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 21. QUINTA FEIRA, 28 DE FEVEREIRO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA NACIONAL ÁCERCA DO CONTRABANDO.

A grave questão do contrabando de lanificios hispanhoes foi levada á presença do Governo, por meio da Sociedade Promotora da Industria Nacional. O Sr. Duque de Palmella, apezar do seu estado de saude, que não lhe permitte tractar de negocio algum, quiz concorrer para que este assumpto seja considerado, e assignou a representação que ao diante publicamos. Os membros do Conselho da Sociedade, encarregados de appresentarem a representação ao Sr. Ministro da Fazenda, foram recebidos por Sua Ex.ª, no Domingo ultimo, e receberam provas de que já se havia providenciado para activar as diligencias contra os contrabandistas, manifestando o Sr. Ministro os melhores desejos de resolver esta difficil questão.

Eis aqui a representação a que nos referimos:

339 Senhora. — A Sociedade Promotora da Industria Nacional vem, mui respeitosamente perante Vossa Magestade, juntar os seus rogos aos da benemerita Associação Covilhanense Fabril e Mercantil, ácerca das urgentes providencias, de que se carecem para evitar a ruina, com que o contrabando de lanificios hispanhoes ameaça um dos mais importantes ramos da nossa riqueza industrial.

A industria portugueza começou uma nova era, com a promulgação do systema protector consignado nas Pautas. O systema protector é para Portugal uma base segura de prosperidade, pois que devendo crear novos e avultados valores, promoverá o consumo e melhoria de preço dos productos agricolas. Quando a industria fabril estiver amplamente desenvolvida e adaptada á nossa posição geographica e ás circumstancias climatericas, a producção da Agricultura, que ao presente se julga estagnada, deverá ainda ter augmento para satisfazer a procura de materias primeiras exigidas pelas Fabricas, bem como para satisfazer a procura de subsistencias exigidas pelo incremento da população operaria.

A villa da Covilhã é uma prova plena do que para nós podem ser as Pautas, como expressão do systema protector.

Ao promulgar das Pautas, em 1837, essa povoação celebre desde a origem pela sua vocação industrial, tinha apenas um nome distincto nas paginas dispersas da nossa historia economica: — a sua vida laboriosa era só animada por uma recordação, honrosa pelas memorias a que se referia, mas completamente esteril em resultados futuros.

Aos novos principios economicos estabelecidos por Vossa Magestade responderam todos os recursos industriaes da Covilhã: e em 1840 foi fundada a Associação Covilhanense, nucleo de outras associações parciaes, e a qual, ao passo que representava a centralisação de avultados capitaes, era a força que tinha de regenerar essa villa industrial. Ainda depois das Pautas, os obstaculos, que se oppunham ao augmento da industria dos lanificios, eram muitos, e a maior parte não está vencida apesar de esforços continuados e de sacrificios da maior monta.

Fundada a nova Associação todos comprehenderam, que era mister haver confiança no regimen das Pautas, e para logo o fabrico augmentou um terço mais do que era antes desse periodo.

O trabalho manual não bastava para as novas necessidades da industria e do mercado; — era mister adoptar as machinas. Em relação ás cançadas forças do nosso paiz, esta empreza era colossal, mas quasi todos os capitaes da Covilhã, confiando na permanencia das Pautas, concorreram para tão grande fim; e por este modo a fortuna de uma povoação inteira, a vida de milhares de familias, tudo ficou dependente de que o systema protector continuaria a ser uma realidade em todas as suas consequencias.

Em todo o Reino a industria dos lanificios soffre graves prejuizos, por causa do contrabando vindo de Hispanha; e os muitos capitaes compromettidos nesta industria podem ser perdidos, se Vossa Magestade não

os proteger, com providencias, que reprimam consideravelmente o contrabando.

A Sociedade Promotora da Industria Nacional, para que Vossa Magestade avalie, em sua Alta Sabedoria, o quanto são dignos de consideração os fabricantes e operarios da Covilhã, substituirá os factos a tudo quanto poderia dizer em seu favor, e levará á Augusta Presença de Vossa Magestade a consideração de que — havendo em 1837, na Covilhã, apenas um só edificio com algumas machinas de cardar e fiar, e estas muito antigas — ao presente já são vinte os grandiosos edificios industriaes, donde annualmente sahem quinze mil pannos, sendo cinco mil os operarios empregados neste fabrico. Toda esta grande laboração industrial está ameaçada pelo contrabando vindo de Hispanha, que publicamente se vende em todas as cidades, villas e aldêas, e que se appresenta em todas as feiras. A fiscalisação é difficil em uma linha tão extensa, como a que se percorre do Guadianna até ao Minho; e os artefactos, vindos por contrabando, não só causam a estagnação dos productos da industria nacional, mas até desfalcam a receita publica, porque nem sequer pagam direito fiscal.

A Sociedade Promotora da Industria Nacional tem a honra de levar á Augusta Presença de Vossa Magestade os seguintes alvitres propostos pela — Associação Covilhanense Fabril e Mercantil.

1.° Auctorisação para ter parte na fiscalisação do contrabando por meio de empregados por ella nomeados, por ella pagos, e collocados aonde lhe convenha.

2.° Que os seus empregados tenham direito a exigir das differentes auctoridades tanto civís como militares os empregados, e força necessaria para verificar as apprehensões do contrabando.

3.° Que as tomadias sejam julgadas pelas auctoridades competentes, precedendo exame das fazendas apprehendidas por dois competentes fabricantes.

4.° Que o producto das tomadias seja dividido, metade para a Fazenda Publica, e metade para o apprehensor.

A Sociedade confia, em que Vossa Magestade, com urgencia, attenderá á precaria situação dos fabricantes de lanificios, pois que evitar o contrabando e castigal-o, como um crime, são consequencias rigorosas do systema protector, de que hoje dependem o futuro e a existencia de grande parte da nação.

A Sociedade espera que Vossa Magestade oiça os seus rogos e os de toda uma povoação puramente industrial, e faz votos pela preciosa vida de Vossa Magestade.

Sala das Sessões da Sociedade Promotora da Industria Nacional 17 de Fevereiro de 1850. — (Assignado) *Duque de Palmella*, Presidente da Sociedade.

MODO DE TINGIR DE PRETO A MADEIRA.

340 Fazei ferver em agua por um quarto de hora páu brazil cortado em pedaços, e com esta agua molhae e esfregae por tres diversas vezes a peça de madeira, deixando-a enxugar de cada vez; molhae depois e esfregae com uma brussa embebida de vinagre preparado do seguinte modo.

Metta-se n'uma porção de vinagre que peze pouco mais ou menos duas onças metade deste pezo de limalha de aço ou de ferro, encerrado tudo n'uma redoma que se collocará junto do lume por espaço de duas horas; findo este tempo decanta-se, isto é, escorre-se, sem levar fezes, o vinagre para servir como fica dito.

DESCREDITO DA GELATINA.

341 Uma questão assás importante considerada hygienicamente foi tractada na Academia de Medicina de Paris, por occasião de uma carta dirigida a esta corporação scientifica pelo ministro de instrucção publica. Tractava-se de saber se o caldo de gelatina possue na verdade as propriedades nutrientes, que se lhe tem attribuido, e se a construcção dos apparelhos para prepara-lo nos hospitaes de Tolosa deveria continuar ou ser abandonada. — O relator da commissão respectiva, M. Bérard, provou claramente a insufficiencia daquella substancia.

— A gelatina extrahida dos ossos por qualquer dos methodos hoje usados nas artes poderá ser empregada com alguma vantagem na alimentação do homem?

— Uma certa dose de gelatina poderá substituir no caldo os principios soluveis que uma determinada quantidade de carne largaria neste liquido?

Taes são os termos do problema que se procurou resolver.

Havia algum tempo que se começava a desconfiar das qualidades nutritivas da gelatina, algumas experiencias apparentemente favoraveis não lhe restabeleciam o credito. A Academia das sciencias lançou mão deste importante assumpto; dez annos de observações, de exames feitos por uma commissão nomeada de entre os seus membros resolveram a questão definitivamente. Eis o que verificaram os commissarios do Instituto.

1.° Os cães deixam-se morrer de fome ao pé da gelatina denominada alimentar, depois de a terem provado ou não em os primeiro dias.

2.° Se em vez ds simples gelatina, se der aos animaes a gelea que os salchicheiros preparam cozendo alguns bocados do porco e os miudos das aves, vêr-se-ha que os cães a comem com muito mais gosto nos primeiros dias, e que depois não lhe tocam e morrem ao vigessimo dia, quasi tão depressa como se não tivessem comido.

3.° Ajuntando a gelatina em porção consideravel a uma quantidade proporcionalmente mui diminuta de pão ou de carne, ou de ambos estes alimentos, os animaes aturam por mais tempo, mas definham-se e a final morrem.

4.° Este resultado é o mais decisivo, fazendo-se a experiencia, comparativamente, com o caldo da companhia hollandeza preparado sómente com a carne, e com o caldo feito com uma pequena porção de carne e um equivalente de gelatina, ajuntando pão alvo quer a um quer a outro; assim verifica-se que os cães emmagrecem com a sôpa de gelatina, e recobram nutrição e força com a sôpa feita no caldo da carne.

Da reunião destes factos resulta que a gelatina dos ossos é um máu alimento: quer seja extrahida pelo methodo de M. D'Arcet, quer pela acção do acido

chlorhydrico, é uma substancia insufficiente para a reparação dos materiaes da economia animal.

Póde, comtudo, suscitar-se uma questão interessante a respeito das propriedades alimenticias do caldo de gelatina e do caldo de vacca. Como é que, contendo ambos gelatina dissolvida, um é proprio para alimento e o outro é insufficiente? Eis o que neste ponto diz M. Bérard.

« Se para o chimico a substancia que está dissolvida na agua que ferveu com a carne e a substancia extrahida dos ossos são a mesma coisa, isto é, gelatina; não ha essa identidade em relação ao nosso estomago, que tira do caldo de vacca principios reparadores, e que não se dá bem com o outro. Todavia, os progressos da chimica organica nos offerecem uma solução mais satisfactoria da difficuldade. M. Berzelius indicou um grande numero de extractos que a carne deve largar no caldo. Obtido um extracto aquoso da carne, e *sendo tractado esse extracto pelo alcool absoluto*, tiram-se pelo menos duas materias azotadas, uma dellas *precipitavel* pelo chlorureto de mercurio e a outra pelo acetato de chumbo. O alcool fraco tira depois uma terceira materia azotada que sendo aquecida deita cheiro de carne assada. Finalmente, o que os dois alcools deixaram ainda contém muitos principios extractivos, entre os quaes figura a zomidina. »

Facil é de comprehender que os factos precedentes não podiam mover a Academia de Medicina a animar a empreza encetada pela administração dos hospitaes de Tolosa: ao contrario empenhou-se em dissuadir da construcção de apparelhos dispendiosos inteiramente oppostos ao intuito economico, a que pertendiam destina-los.

INTRODUÇÃO DA CULTURA DA BETERRABA.

242 *Sr. Redactor.* — Estava resolvido a escrever um artigo ácerca das vantagens da cultivação da beterraba para alimento do gado, quando vi no seu interessante jornal do dia 14 do corrente que outra pessoa, mais competente nesta materia, chamou a attenção dos agricultores sobre aquella planta economica, que por certo ha de avultar entre as nossas producções agricolas.

As experiencias do illustre, e benemerito Sr. A. Herculano, não deixam a menor duvida ácerca dos resultados desta cultivação; com tudo julgo conveniente divulgar outro ensaio, talvez em ponto maior, que veio confirmar as mais lisongeiras esperanças, e mostrar que Portugal é mais proprio ainda que os paizes do Norte, para a producção desta preciosa raiz.

O meu distincto amigo, o Sr. Gagliardi, administrador do morgado do Calhariz, pertencente ao Exm.º Sr. Duque de Palmella, entre os importantes melhoramentos e innovações com que enriqueceu aquella vasta propriedade rural, não se esqueceu da beterraba. Para primeiro ensaio mandou vir de França uma porção bastante consideravel de semente das duas qualidades — beterraba branca *(Beta alba)* ou de Silesia, que é precisamente a que foi cultivada pelo Sr. A. Herculano, e a — beterraba comprida, côr de rosa *(Beta sylvestris)* denominada tambem, *disette*. São as duas especies cultivadas nos paizes do Norte para sustento do gado. O Sr. Gagliardi esperava receber as sementes a tempo de as semear nos ultimos dias de Março, ou nos primeiros de Abril, porém o naufragio do navio que as trazia, obrigou-o a repetir a encommenda, pelo que não as obteve senão em Abril, de maneira que hesitou se devia differir a experiencia para a futura estação; mas como podia destinar para esta cultura terrenos bastante humidos, decidiu-se a arriscar a semeadura nos ultimos dias de Abril, e nos primeiros de Maio, sem, comtudo, ter grandes esperanças de bom resultado, por causa dos calores do estio, e tambem por lhe ter faltado o tempo necessario para preparar a terra, e para estrumal-a convenientemente. Apezar de tudo isto, as beterrabas cresceram, e desenvolveram-se maravilhosamente, e pelo fim de Setembro, e principio de Outubro tinham chegado á perfeita maturidade. A especie branca, que é piriforme, tinha sido semeada n'um terreno ligeiro e pouco profundo; a especie côr de rosa, que é fusiforme, plantada em terreno forte. Ambas as especies tem produzido raizes de um volume e pezo consideravel; muitas pesavam 7 e 8 arrateis, e é fóra de duvida que se tivessem sido tratadas com maior cuidado, a colheita teria sido mais abundante. É escusado dizer que o gado comeu este novo alimento com o maior appetite.

O Sr. Gagliardi guardou uma porção de semente para a semear no outono. O resultado das experiencias do Sr. A. Herculano dá-nos a certeza de ter duas colheitas em cada anno, o que é de uma vantagem incalculavel para a economia agricola.

Á vista do exposto, nunca será bastante recommendada aos agricultores a introducção de uma planta tão util, e que as experiencias dos Srs. Herculano e Gagliardi mostraram ser maravilhosamente appropriadas ao sólo e ao clima de Portugal. Aquelles que quizerem fazer desde já o ensaio, acharão na loja do Sr. Silva, livreiro ao Rocio, um deposito de optima semente de França das duas qualidades mencionadas. Cinco a seis arrateis chegam para semear um *hectare* de terra, isto é, uma superficie quadrada de quatrocentos e cincoenta palmos por lado, ou duas mil e vinte cinco braças quadradas. Esta superficie, sendo o terreno de boa qualidade, bem lavrado, e estrumado, póde dar um producto de cincoenta mil kilogrammos, ou perto de tres mil e quatrocentas arrobas de beterraba. Um terreno de qualidade inferior dará pelo menos vinte mil kilogrammos, ou mil e quatrocentas arrobas.

Para semear-se só com cinco ou seis arrateis de semente a indicada superficie, é necessario que a semeadura seja feita por meio do semeador mechanico; e na falta deste, deverão seguir a charrua duas pessoas, uma das quaes faz uma pequena cova do lado onde a terra foi revolvida, e a outra põe naquella cova a semente, e a cobre com a terra. Depois disto passa-se um cylindro sobre o rego.

M. Chartier achou ser muito util pizar as sementes n'uma escudella de pau, depois joeiral-as, e pizal-as de novo até que tenham perdido todas as escabrosidades, e se não achem grãos adherentes uns a outros. A semente assim pizada perde pouco mais ou menos d'um terço do seu peso; porém evita-se ficarem tres

ou quatro grãos juntos no mesmo logar, e por conseguinte a necessidade de mandar arrancar as plantas superabundantes; operação esta dispendiosa, enfadonha, e que tem seus inconvenientes.

Traçando os regos a distancia de seis pés um do outro, e depondo as sementes por intervallos de dez a onze pollegadas, seriam precisos pelo methodo ordinario seis a sete arrateis de semente para cada *hectare*, ou duas mil e vinte cinco braças quadradas, quando bastam quatro a cinco arrateis de semente que tenha sido pisada.

Finalmente para ter uma idéa exacta da superioridade da beterraba sobre todas as outras forragens, basta saber-se, que cem kilogammos desta raiz alimentam tanto como quarenta e cinco kilogrammos de bom feno, e que um *hectare*, ou duas mil e vinte cinco braças quadradas de terra da mais ordinaria produzindo pelo menos vinte mil kilogrammos de beterraba, dá o equivalente de nove mil kilogrammos de feno, isto, é o dobro do que produzem os melhores prados.

Eis ahi, Sr. Redactor, o que me parece util levar ao conhecimento dos agricultores, como complemento do excellente artigo do Sr. Lobo d'Avila.

Se V. se dignar inserir na sua REVISTA esta minha carta, muito agradecido lhe ficará quem tem a honra de ser

De V. etc.

Lisboa 17 de Fevereiro de 1850.

O. C.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XV.

O Infante D. Pedro.

343 O dia 2 de Agosto fôra o designado para nelle ter logar a entrada solemne da Rainha em Lisboa. O concurso era immenso; as ruas, as janellas, os terrassos e os telhados, tudo estava coberto de povo que esperava com impaciencia o cortejo brilhante, que devia conduzir á cathedral os dois reaes esposos.

Ao meio dia entravam pelas portas de Santa Catharina doze trombetas a cavallo, vestidos de primavera-verde de prata, que annunciavam com repetidos toques a chegada de Suas Magestades. Seguia-se-lhes uma dança e folia, dirigida pelo meirinho da cidade, que a acompanhava a cavallo: os Procuradores do Senado, montados em magnificos cavallos, ricamente ajaezados e cobertos de laços de fita, precediam os seis Porteiros da camara vestidos de preto com massas de prata doirada ao hombro, e os doze Reis d'armas, Arautos e Passavantes, que se distinguiam pelas cótas de armas e as cadêas de oiro que traziam. Os Desembargadores e os Juizes vinham logo depois a cavallo, com becas de seda forradas de lama de prata. Os coches e as liteiras dos titulares e fidalgos, rivalizavam na riqueza dos ornatos doirados, no precioso dos brocados e na belleza dos jaezes, com os coches da caza real que se lhes seguiam.

O coche real era puchado por oito cavallos brancos, ferrados de prata, e adornados de formosas plumas brancas e carmesins; os tirantes, eram de oiro e seda, e a libré dos cocheiros e lacaios, vermelha com passamanes azues. Dentro do coche vinham, El-Rei, sentado á direita, a Rainha á esquerda, e o Infante no assento de diante. A Rainha vestia de brocado côr de rosa, e trazia os cabellos loiros profusamente ornados de diamantes; com a luz dos seus bellos olhos, ella ateava o fogo que ardia no coração de D. Pedro desde o primeiro dia em que a víra, e com a sua presença fazia soltar brados de enthusiasmo ao povo que a admirava. O coche real, para que todos podessem vêr sem dificuldade a nova Rainha, não era coberto; um moço da camara, sustentando uma rica umbella franjada de oiro, guardava do ardor do sol o rosto mimoso da graciosa franceza.

Logo atraz dos coches, que eram acompanhados por numerosos lacaios a pé, vinham os officiaes das guardas allemã e portugueza, seguidos dos seus soldados vestidos de verde com passamanes de seda branca, e um numero consideravel de homens de cavallo do regimento que o conde de Maré trouxera de França. Eram estes que compunham a guarda de honra da Rainha. Nas portas de Santa Catharina estava armado o arco da nação italiana. Era um arco grandioso, mas de architetura pouco regular, pezada e de máu gosto. Entre as quatro pilastras corinthias que o ornavam, havia nichos com estatuas allegoricas, representando as artes liberaes; por cima da cornija estava representada, n'um grande quadro, a figura da Italia offerecendo n'uma cornucopia ricos e variados fructos a Suas Magestades. Sobre quatro pedestaes, collocados diante das pilastras, havia estatuas de pedra representando imperadores romanos. O arco era superiormente rematado pelo escudo das armas de Portugal, com uma grande corôa doirada, tendo por timbre a tiára papal com as duas chaves em cruz.

Á entrada deste arco esperavam por Suas Magestades o Presidente do Senado vestido de brocado pardo com rendas de oiro, e os vereadores com garnachas de seda preta forradas de brocado branco. O coche real, ao chegar ao logar onde estava o senado, parou, e o presidente, dirigindo-se aos reaes esposos, fez uma longa oração, cheia de trocadilhos, e de phrases gongoricas, que o tornavam quasi inintelligivel, e appresentou depois n'uma grande bacia de prata as chaves da cidade a El-Rei, que por um gesto lhe indicou que as offerecesse á Rainha; esta acceitou-as com um sorriso gracioso, e tornou-as immediatamente a restituir.

O real cortejo desceu, depois desta cerimonia, á rua nova e encaminhou-se para a Sé, passando por baixo dos arcos alevantados pelos officios nos logares que para isso lhes haviam sido designados. Á porta da Cathedral, sumptuosamente armada, estava o cabido, com o Pallio, e o Santo-Lenho, que Suas Magestades beijaram de joelhos.

Depois de cantado um *Te Deum* pelos musicos da capella, a familia real acompanhada pela corte tomou o caminho do Paço.

Logo que terminou a cerimonia o Infante, despedindo-se de seu irmão e da Rainha, entrou n'um coche que o estava esperando, e foi para o Corte-Real seguido apenas de alguns fidalgos.

A noticia de que Sua Alteza era obrigado a retirar-se da corte pelas intrigas do valido, tinha corrido vagamente na cidade. Muitos individuos do partido do Infante, e que tomavam parte activa nas conspirações tramadas contra o Castello-Melhor, não se descuidavam de irritar o odio e a desconfiança, que uma parte do povo manifestava contra o poderoso ministro: com tudo o geral da nação estava ainda, por aquelle tempo, quasi indiferente ás contendas e inimisades da corte, e era mais a curiosidade do que outro qualquer sentimento que levava o povo a escutar as furiosas declamações dos partidarios do Infante.

Sua Alteza decidíra deixar a corte no dia immediato áquelle em que tivesse logar a entrada solemne da Rainha em Lisboa; por isso, logo que chegou ao Corte-Real, depois do anoitecer, reuniu em roda de si os fidalgos que principalmente compunham o seu partido, para os consultar ácerca da importante resolução que tomára, por conselho de D. Rodrigo de Menezes.

N'uma sala vasta, e mal alumiada por alguns brandões de cêra, o Infante presidia uma assembléa pouco numerosa de fidalgos, e homens de guerra. Sua Alteza estava assentado no topo da caza n'uma cadeira alta de velludo escuro, tendo ao pé um enorme lebréo, e ao lado sobre uma meza uma trombeta doirada, seu instrumento favorito. A distancia, sentados em bancos de páu, os fidalgos esperavam que Sua Alteza quebrasse o silencio. D. Pedro hesitou muito tempo sobre o modo por que havia de começar a sua oração; voltou-se duas ou tres vezes com impaciencia, puxou para diante a pezada cadeira em que estava assentado, levou a mão aos cabellos, afagou a cabeça do lebréo, deu emfim evidentes signaes de desassocego antes de começar a fallar.

—Senhores — disse elle por fim com voz tremula, e buscando nos olhos do seu mordomo-mór, D. Rodrigo de Menezes, a força, que sentia faltar-lhe ao fallar pela primeira vez diante de uma assembléa — reuni-vos aqui para vos participar a resolução em que estou de deixar a corte, e retirar-me para Queluz. Sabeis todos o modo por que tenho sido tractado por El-Rei, meu irmão, desde que o Conde de Castello-Melhor começou a ter poderosa influencia sobre o animo de Sua Magestade. Estou pobre, sem meios para manter a minha dignidade de principe, sem gentis-homens para me servir, sem nada, quando o valido, um aventureiro ousado, dispõe das rendas do reino, vive no fausto e na grandesa, e tyranisa esta desgraçada nação que ainda ha pouco conquistou heroicamente a sua independencia. Pedi a Sua Magestade a caza de Bragança, que me pertencia, e recusou-m'a; pedi-lhe rendas, recusou-m'as; pedi-lhe que me nomeasse alguns d'entre vós para me servirem, e recusou-m'o. Ha pouco ainda, quando os enviados francezes se vieram despedir de mim, se me não assistissem por mercê alguns titulos e fidalgos da corte, esses estrangeiros iriam contar na corte de El-Rei de França, que tinham visto pobre, só, abandonado de todos, o Infante de Portugal. A inimisade de meu irmão contra mim vae de dia para dia crescendo mais. Já... Não vos contarei outra vez o que se passou entre mim e El-Rei quando assistiamos outro dia ao ensaio das canas. Os meus inimigos, não contentes com o separarem-me de meu irmão, ousam talvez agora... conceber mais sinistros projectos. Nada os póde deter na senda criminosa que vão trilhando. Já se me atreveram a

um dos meus criados, a um mancebo valente, que servíra com lealdade e honra na guerra; ao filho do general Mathias d'Albuquerque. Ha poucos dias que um bando do assassinos o atacou... e o deixou por morto ás portas da Ribeira. Francisco d'Albuquerque, fôra chamado ao meu serviço pelo Conde da Torre, e foi por isso que os da sanguinaria patrulha de El-Rei o quizeram matar. É tempo de me retirar da corte, para que o braço que se levantou armado sobre Francisco d'Albuquerque, não ouse... manchar o reinado de meu irmão com um tremendo crime. Estou decidido a saír da corte, e a retirar-me á minha quinta de Queluz. Pedi a El-Rei licença para o fazer, e a permissão que elle me deu foi quasi uma ordem de desterro. Espero, senhores, que me acompanheis no meu desterro, para que a nação saiba que o Infante de Portugal é estimado pela nobreza, e é digno de o ser.

Todos os fidalgos escutaram o Infante em profundo silencio; e só na expressão das suas physionomias se podia ver o effeito que nelles causavam as palavras de D. Pedro. Apenas porém Sua Alteza se callou, a assembléa rompeu em brados de indignação, contra o Castello-Melhor, e os do seu partido. D. Rodrigo de Menezes, que dictara ao Infante o discurso que acabava de produzir tão grande effeito, sorria contente de si, e dava, por um gesto quasi imperceptivel e um olhar de intelligencia, parabens a seu amo pelo triunpho que alcançára.

Apenas o pequeno tumulto começou a desvanecer-se, o Conde da Torre, cuja voz estrondosa sobresaía a todas as outras, começou a fallar nos seguintes termos:

— Não andou avisado — disse elle — quem aconselhou V. A. que se devia retirar da corte, em tal occasião. Eu tenho visto muita vez os inimigos pela frente, e não sei combater senão cara a cara. Retirar é fraqueza, quando a peleja é possivel, e a victoria provavel. Ainda não vi diante de mim adversario, que o não vencesse. Com esta espada na mão — bradou elle — não tenho medo de ninguem. Se elles, o valido e os seus, querem guerra, demos-lhe a guerra. Quem tem medo que se esconda, que eu cá tenho uma espada para me defender. V. A. é filho do Sr. D. João IV, e sabe que um principe nunca recua diante do perigo. Tem muitos braços que o defendam: eu estou prompto a morrer por V. A., e se ha ahi alguem que não queira fazer o mesmo, esse que se passe para o partido do valido, talvez que ache ainda vago o logar que lá deixou.

Esta ultima phrase foi directamente dirigida pelo general fanfarrão a D. Luiz de Menezes, Conde da Ericeira, que pouco tempo antes deixára o partido de El-Rei para se ligar ao do Infante, e que fôra dos que aconselharam Sua Alteza a que se retirasse para Queluz. O Conde da Ericeira, apenas o Conde da Torre acabou de fallar, pôz-se de pé, e pediu licença a Sua Alteza para lhe responder:

— As obras valem mais do que as palavras — começou elle. — É bom fallar em combate, n'um dia de batalha; no conselho a prudencia val mais do que a fanfarrice. Se algum de nós é traidor, não é de certo dos que aconselharam a V. A. que não desse, com uma imprudencia, occasião aos seus inimigos para o accusarem de ser a causa de discordias civís. Perdi a estima de El-Rei por lhe dizer a verdade ácerca do valido; e nem por isso estou resolvido a callar a verdade agora aqui. Já por eu dizer a verdade levantou sobre mim traiçoeiramente a mão um general...

Um murmurio geral da assembléa interrompeu o orador; porque todos receiavam que uma pendencia dos dois Condes viesse quebrar a harmonia que reinava entre os amigos do Infante. Para se comprehender, porém, a significação e importancia das palavras do Conde da Ericeira é indispensavel relatar o facto succedido durante a guerra com os hispanhoes, que foi causa da inimisade dos dois generaes.

No tempo em que D. João d'Austria sitiava Jerumenha, D. Diogo Caballero, general da cavallaria hispanhola, fez uma entrada pelas terras de Portugal com um grosso de cavallaria. O Marquez de Marialva que commandava o exercito em Villa-Viçosa, ordenou logo ao Conde da Torre, general da cavallaria, que fosse pelejar com o inimigo, e ao tenente-general D. João da Silva, que estava em Elvas com alguns esquadrões, mandou dizer que marchasse immediatamente a encontrar-se com o Conde no logar a que chamam a Fonte dos Sapateiros. Fez-se a juncção, e pouco depois passou a cavallaria hispanhola a pouca distancia do logar onde estava a tropa portugueza. O general porém deixou passar o inimigo sem o atacar, e só quando elle já ía a distancia mandou D. João da Silva perseguir-lhe a retaguarda, promettendo que em breve o iria ajudar. D. João da Silva cumpriu com valor as

ordens que lhe havia dado o Conde da Torre, porém como este, em vez de seguir o inimigo se retirou para Villa-Viçosa, viu-se o tenente-general na necessidade de voltar para Elvas, depois de ter sem utilidade alguma perdido um numero consideravel dos seus soldados.

O conde da Torre ao relatar o acontecido ao Marquez de Marialva, callou as circumstancias que o podiam comprometter, e attribniu o máu exito da expedição a D. João da Silva; porém o Conde da Ericeira, que fôra informado da verdade por uma carta deste, defendeu acaloradamente a honra do tenente-general, e daqui resultou o dar-lhe o Conde da Torre com o bastão ao sairem da tenda do Marquez de Marialva, e ferir-se D. Luiz de Menezes na propria espada quando a tirava para se desaffrontar. Desta occasião datava o odio dos dois generaes, e o murmurar-se no exercito contra o Conde da Torre, de quem se escreveu o seguinte pasquim:

Tan soberbio en la paz,
Y tan cobarde en la guerra,
Toda tu fama se incierra
En patarata, no mas.

O Infante, interrompendo a falla do Conde de Ericeira, impoz silencio á assembléa; e D. Luiz de Sousa, bispo do Porto, homem de cincoenta annos, gordo e baixo, cuja physionomia era extraordinariamente animada por uns olhos pequenos e vivos, começou a fallar com voz melliflua.

— A bondade divina seja comnosco! — disse elle. — Parece que estamos aqui n'um conselho de guerra: não se falla senão em espadas e em combates. O ardor militar não me parece conveniente nesta occasião: e é bom que ao lado de illustres e valentes generaes estejam os homens de paz como eu, para evitar as imprudencias, e, permitta-se-me a palavra, e os erros. Andou bem avisado, Sr. Conde da Torre, quem aconselhou a Sua Alteza, que saisse da côrte, e se pozesse fóra do alcance dos tiros da inveja — a metaphora é militar, e S. S.ª de certo me ha de intender. — É preciso ter paciencia para esperar; Deus Nosso Senhor nunca abandona os bons. Não temos a recear que a vida de Sua Alteza corra perigo. A mão que se alevantou contra o desgraçado mancebo, que ha dias foi victima da crueldade do valido, cairia sem força ao alevantar-se contra o descendente dos reis de Portugal. O sangue do innocente será vingado por Deus: *Vindicans vindicabo illis, dicit Dominus, et accipiam omnem sanguinem innoxium ex illis ad me.* Não queiramos apressar de mais a hora do castigo, para que o Senhor nos não abandone: não disputemos entre irmãos, para não gastarmos forças de que carecemos para resistir á tyrannia dos máus. A ida de Sua Alteza para Queluz ha de produzir impressão no animo de El-Rei, e convencel-o talvez, de que o valido o engana e atraiçôa, para o separar de um irmão que lhe quer muito, e é o seu mais sincero amigo. Talvez Deus Nosso Senhor falle por este modo ao coração de Sua Magestade, e lhe accorde o amor de irmão, por elle, ha tanto tempo, esquecido.

Estas palavras ditas n'um tom conciliador pelo Bispo do Porto socegaram algum tanto os animos irritados dos dois Condes. Porém D. Rodrigo de Menezes, não contente com esta apparente concordia, e dezejando convencer todos os fidalgos de que o melhor caminho a seguir era o da prudencia, pediu licença ao Infante para fazer algumas considerações ácerca do objecto de que se tractava, e este concedeu-lha immetamente.

— A prudencia de Sua Alteza é tão grande — disse elle — que não se póde duvidar de que a sua opinião, na perigosa situação em que nos achamos, seja a melhor de todas. Sua Alteza só põe o seu desvelo em ser um principe perfeito; e por tal fórma o allumia a luz da razão, que com insigne resplendor poderia governar o mundo. Se as imprudencias de El-Rei, e a maldade do Conde de Castello-Melhor poem em perigo a paz publica, não é razão que Sua Alteza siga tão máu exemplo. É verdade que o Sr. Infante tem sido aleivosamente afrontado por esse fementido ministro, é verdade que Sua Alteza perdeu pelas intrigas desse ambiciaso a amisade de seu augusto irmão, é verdade que os assassinos já ousaram attentar contra a vida de um criado de Sua Alteza, mas não se segue daqui que nós devamos imitar os crimes do Conde de Castello-Melhor. Deus não hade deixar por muito tempo este reino nas mãos dos que o querem perder: a morte póde livrar-nos um dia do tyranno que nos opprime: *Breves dies hominis sunt.* É natural em homens de guerra, em generaes illustres, opporem-se ao que a elles lhes parece pouco valor, ao que tem por demasiada prudencia; se pensarem porém na situação em que estamos, se se lembrarem de que os inimigos do Sr. Infante

são desgraçadamente apoiados por El-Rei, convencer-se-hão de que só resta escolher entre a guerra civil, e o prudente alvitre que Sua Alteza, se propõe seguir. Mas a guerra civil agora seria um crime, seria entregar a patria aos hispanhoes e sacrificar a independencia por que combatemos ha vinte annos; o que ha pois a fazer agora? Retirar-se Sua Alteza para onde lhe não cheguem os tiros do valido, e esperar ahi que Deus se digne baixar olhos de misericordia sobre os portuguezes.

Com este discurso de D. Rodrigo de Menezes se pôz termo ao conselho, e os fidalgos separaram-se, depois de beijarem a mão do Infante, para de novo se reunirem no dia seguinte á hora em que Sua Alteza determinára partir para Queluz.

No outro dia o Infante mandou participar a toda a corte que se retirava de Lisboa « não pelo mandar El-Rei, mas por permissão sua e *vontade alheia*: » e de tarde partiu para Queluz seguido de muitos fidalgos e titulares; causando este acontecimento extraordinario grande abalo no povo da cidade, e ficando por isso suspendidas as festas do casamento real.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa)

Com muita satisfação temos a honra de publicar a poesia, com que nos brindou o Sr. D. Luiz Rivera, ha pouco chegado a Lisboa.

UNION:

En el album de mi amigo el joven poeta portuguez D. Antonio X. R. Cordeiro.

344 I

Ves? — hay dos astros, pero solo un templo. . .
Palpita el orbe cuando el sol lo inflama —
Un templo es la creacion donde derrama
A piélagos su luz.
El sol! — astro de vida para todos;
La gloria! — astro de luz para el poeta; —
Bardo, levanta tu cabeza inquieta
Al firmamento azul.

II

Tu escudo es la ilusion quo llena el alma;
Tu espada, el atrevido pensamiento; —
Corta con ella la region del viento,
Gerrero del *Señor*.
Ven á la liza! nuestra raza duerme
En el mercado de las turbas! — Mira!
Si nuestra pobre sociedad te inspira,
Sé tú su trovador.

III

Ya nuestra patria sucumbió! La gloria
Abandonó las márgenes de Iberia:
Luto, desprecio, soledad, miseria
La ocupan por doquier.
Deja á un lado el rencor de los que fueron;
Une tu mano con mi yerta mano;
Nuestra patria lo quiere — sé mi hermano,
Y ayúdame á vencer.

IV

El sol rompe las nieblas de la noche,
Mas no rompe las nieblas del olvido!
La gloria nos alumbra! — Ven erguido,
Sigamos su fulgor.
Si en la liza caemos, tal vez venga
Tierna *fada* á llorar por tu fortuna;
Mas, ay! por mí no llorará ninguna, —
¡ Mi amor no tiene amor!

LUIS RIVERA.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO VII.

Para que serve uma camelia?

(Continuado de pag. 226.)

345 As salas já estavam completamente desertas. Os primeiros clarões do dia penetravam pelas janellas, e allumiavam aquella desordem elegante, que succede ás distracções de um baile. Os ramalhetes de flores, ha pouco viçosos, pousavam negligentemente sobre os sophás.

A Viscondessa pallida pelas emoções e fadigas da noite, com os cabellos desalinhados, com as faces abatidas, com os olhos languidos, ainda parecia mais bella: a sua brancura destacava, nas cores vivas do sophá, como a do lirio entre as camelias vermelhas de um ramalhete.

— Sinto-me muito cançada: — disse ella, levando a mão á testa, e deixando cahir a cabeça com desalento — devo estar muito desfigurada, não é assim? — accrescentou erguendo os olhos para um espelho que lhe ficava defronte.

— V. Ex.ª calumnia-se, minha senhora —

respondeu Mauricio com tom de voz levemente ironico — e de mais, não são mais bellas as flores ao romper da madrugada, quando erguem a custo as pétalas orvalhadas pelo sereno da noite?

— Sempre poesia! — atalhou a Viscondessa com rapidez — quando é que nos labios de um poeta nós poderemos accreditar que existe a singeleza de um affecto, profundamente sentido?

— Acaso só a mediocridade é que sente?

— É que nós, as mulheres, somos ciosas, mesmo do que engrandece a nossos olhos o homem que preferimos. É que quizeramos reinar, sem partilha no seu coração: é que estremecemos de angustia, quando lhe lemos no rosto um pensamento que nos não pertence!

— O que descobriu então no meu rosto? — disse Mauricio affastando os cabellos que lhe caiam em desordem sobre a testa tenuemente avermelhada pelos reflexos da luz.

— É ambicioso, e para o homem que se sente combatido por essa paixão invencivel, o amor é mais uma distracção, do que um culto! Quando a sociedade adormece em repouso, quando é impossivel luctar no centro da quietação, amam, porque não sabem em que hão-de empregar a energia das suas faculdades — mas nunca uma mulher hade possuir inteira a sua alma, com todos os dezejos que a alimentam, com todas as esperanças que a devoram!

— E não é essa tambem uma ambição egoista, a de querer sacrificada uma existencia a um affecto, por muito poderoso que elle seja?

A Viscondessa surriu-se com um sorriso fingidamente triste; depois, pegando no braço de Mauricio, perguntou-lhe com voz pausada, e cheia de indefinivel seducção:

— E não acha que o amor só póde viver pela crença? — que ha rasão para duvidar do affecto d'um homem, quando elle não absolveu a mulher de falsas accusações, pelo mero poder do seu sentimento?

— E quem lhe diz que eu a não accreditava pura e santa, que a sua imagem me não pousava na alma senão com enthusiasmo e adoração?..... Mas ha momentos, em que é impossivel deixar de crer, quando a voz d'um homem, que nos estima de véras, nos affirma com solemnidade o que outra bocca não diria, sem que primeiro firmasse com sangue as suas palavras!

— É victima como os outros dessa conjuração tremenda, em que ousaram duvidar do meu amor de mãe — desse amor que sobrevive a todas as illusões, que nos faz pertencer ao mundo pela energia da paixão, que nos aproxima do céu, pela pureza, e pelo desinteresse do sentimento!

— Talvez! — respondeu Mauricio.

— Talvez?... Quer que lhe revele então a infamia desse homem, a angelica resignação de minha filha, as agonias tremendas que me devoraram, a mim?

— É dolorosa a narração, mas é necessaria! — disse Mauricio concisamente.

Um raio de odio passou rapido pelas faces pallidas da Viscondessa. Depois, modificando este primeiro movimento do seu orgulho, limpou, com os anneis soltos do cabello, as lagrimas que lhe rebentavam dos olhos.

Mauricio enterneceu-se perante aquellas demonstrações de uma dôr silenciosa e talvez de um arrependimento sincero. Levou aos labios uma de suas mãos, e imprimiu-lhe um beijo, menos de ternura do que de piedade.

— É bem infame o mundo — disse ella com uma intonação resignada — e quando uma vez condemnou um nome, não ha rehabilitação possivel para elle. Oh! minha filha! minha filha! bem sabes se sou innocente! Bem sabes as lagrimas que derramei sobre o teu leito de agonia, e as orações que todos os dias faço para que Deus perdoe a esse homem, que tu... para que precisarias dellas? — Voaste ao céu com o teu ultimo suspiro!

E depois, fechou os olhos com abatimento, deixou cair languidamente a cabeça sobre o hombro de Mauricio, e chorou maviosamente, como choram os anjos e as creanças.

Quem diria que aquella mulher, para satisfazer um capricho de vaidade, se humilharia até á representação desta comedia infame?

Mauricio limpou aquellas lagrimas com beijos inflammados. Esqueceu, acreditou tudo o que ella dizia. E quando lhe deu na testa o beijo da despedida, santificou-a no pensamento, e não viu o sorriso sinistro que lhe apparecêra nos labios.

Aquellas horas vendidas a um goso abjecto, porque o não purificava o coração, íam pesar para sempre na sua vida. A camélia fôra um penhor de approximação que se tornára n'uma prophecia sinistra.

CAPITULO VIII.

Anjo, Mulher e Demonio.

Carta de Mauricio a D. Affonso.

« Escrever-te não é denunciar-te que soffro, que me sinto cada vez mais dominado de uma horrivel e pungente inquietação de espirito? Dizem que a ambição é uma lenta agonia?... Mas ao menos, nunca desfallece a esperança, nunca morre o desejo, sempre a vemos reanimada a cada acontecimento, que transforma o mundo da civilisação. O que é horrivel é o tremendo septicismo, que se nos apodera da alma: é a duvida que vae matar a unica religião que resta a esta sociedade, que negou Deus e a verdade; é quando o nosso espirito diz ao coração, que as suas aspirações são excitações estereis, que os seus sonhos mimosos são devaneios ridiculos. Ultimo e atroz desengano para a vida! É então que eu comprehendo esse heroismo cubiçoso, que leva o homem a consumir a actividade do seu espirito, rasgando as aguas do Oceano, ou devassando os desertos do Novo-Mundo.

Amo agora de novo, com paixão, com delirio, com adoração supersticiosa? Déra o meu sangue para alcançar um olhar piedoso dos seus olhos: não sei a que perigos iria arriscar-me, para beijar com devoção a orla do seu vestido, quando ella ajoelha triste e melancolica, e levanta as mãos em oração, que deve ser tão candida como a sua alma.

Mas é possivel amar com confiança, sem accreditar na eternidade das affeições humanas? Quem me diz que ella póde entender o que eu sinto, e que cedendo aos impulsos de uma sympathia mysteriosa, ama em mim um pensamento exagerado do seu espirito? Se me amar, porque entre mim e ella ha a sociedade: existem os preconceitos do passado, as preoccupações calculadas do futuro, essa cadêa inflexivel de considerações positivas, que não ha espirito, embora orgulhoso, que possa quebrar impunemente.

Eu faço a mim mesmo as interrogações que ainda ha pouco li n'um livro de critica: « Deus ter-nos-hia prohibido saber e amar ao mesmo tempo? Será mister matar o coração para vivificar a intelligencia? ou será necessario impor silencio ao pensamento, e açaimar a sua curiosidade para amar livremente, sem previdencia, e sem temor? Será preciso ignorar os mares para affrontar a tempestade? Será mister contar os baixos para não abandonar a plaga? »

É perante estas hesitações do espirito, que um amor que rebenta forte e poderoso, é menos uma esperança, do que uma condemnação irrevogavel. Eu heide matar este sentimento, ou pelo menos, esquecel-o. E quem me diz que a hora da posse, não é tambem o momento da desillusão? Quem não prevê no leito do praser, o tumulo da adoração? E o orgulho, este meu santo orgulho de poeta, que Deus me depositou no coração, como a suprema appellação ás dores que me despedaçam o peito!...

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa).

N'UM ALBUM.

T'aimer et te le dire...

(A. Chénier.)

346 Quando surgindo no oriente
Formosa a aurora reluz,
O brilhar do sol fulgente
Não te diz que existe a luz?!..
Não te diz — que chega o dia
Essa encantada harmonia,
Que da fonte transparente
Nos suspiros da corrente,
Que no perfume da flor,
Na viração, docemente
Ergue a terra ao Creador?!
Quando á noite branda a lua
Pallida e triste fluctua
No céu azul a tremer,
Tu não sentes o teu seio
Agitar-se em vago anceio?...
Não ouves — amor — dizer
Á onda que sobre a praia
Mirando a lua... desmaia...
Até sumir-se, e morrer?!
Não ouves a quente aragem
Como treme entre a folhagem,
Como diz, que á sua imagem
Na paixão — tu has-de ser?!..
E queres, ó qu'rida amiga,
Que eu seja só quem não diga
Quanto sente o peito meu...
Que apague cá dentro a chamma
Que doce queima, e derrama
No coração, que se inflamma,
Reflexos da luz do céu,
Se desde o trovão que estalla
Nas azas do furacão,

Até á flor que se embala
Do monte na solidão
Tudo tem voz — tudo falla?!
No momento em que um sorriso
De ventura — ao paraiso
Minh'alma afflicta conduz?!
Agora que ressuscito. . . . .
Que da vida toda a luz
Eu vejo por vez primeira,
Porque esses teus olhos fito,
Pois só agora te vi,
Minha doce companheira. . .
Eu, — que do pégo profundo
Das feias trevas sahi,
Não hei-de saudar o mundo?!
Quero amar-te! Vida e lume
De minh'alma. . . é teu amor! . .
Coitada da pobre flor
Que não tem outro perfume!
Coitada, sim! Se no horto
Tu a deixas sem conforto,
Sem com teu pranto a regar,
Esta flor empalidece. . . . .
Flor — perfume — hão-de acabar!
Quero amar-te! . . Ai! Um instante
Como este de tanta gloria
De dizer — que te amo a ti!
Deixa ao menos que em memoria,
Qu'rida memoria constante!
Na terra me fique a mi!!
Quero amar-te! Hei-de dizer-t'o!
Pois tu não vês que é morrer
Vêr a fonte no deserto. . .
Tel-a ao pé — e não beber?!
Se desde o trovão que estalla
Nas asas do furacão,
Até á flor que se embala
Do monte na solidão, —
Tudo tem voz — tudo falla
Na terra, no mar, no céu,
Tu não queiras, qu'rida amiga,
Que eu seja só quem não diga
Quanto sente o peito meu!!

* *

NOTICIAS E COMMERCIO.

COMMUNICAÇÕES ENTRE OS DOIS HEMISPHERIOS.

347 Os debates do parlamento britannico sobre o regimen de suas colonias e objectos analogos, naturalmente conduzem a um resultado importante para o commercio em geral. Trata-se da communicação prompta e regular entre a Europa e a Australia pelo serviço regular de barcos a vapor.

O desenvolvimento immenso e rapido que ha dez annos tem as colonias britannicas da Nova Galles, Terra de Van-Diemen, e Nova Zelandia, é um incentivo para que não se deixem privadas de communicações tão ricas e ferteis regiões, abandonando-as ás demoras e incertezas da navegação á vela; ao passo que Bombaim, Singapura, Hon-Kong e Manilha recebem, quasi em periodos fixos, noticias da Europa, n'algumas partes uma vez ao mez e em muitas duas vezes semanalmente.

A necessidade de uma nova linha de vapores, que encurte a distancia da Europa á Australia, é reconhecida na Grã-Bretanha e em todas as nações commerciantes; mas o que cumpre determinar é a carreira mais vantajosa do serviço, que tendo o seu *ponto de partida* em Londres, terá *o ponto de chegada* nos antipodas da Europa.

Nos projectos appresentados ao governo inglez, ha tres derrotas diversas: uma pelo Cabo de Boa-Esperança; outra pelo isthmo de Suez, denominada, viagem de Levante; e a terceira pelo isthmo de Panamá, chamada derrota do oeste. — Cada uma destas carreiras tem, como é natural, defensores e detractores conforme o jogo dos interesses respectivos. Pela nossa parte (diz a *Presse)* que nada temos com essa empresa puramente ingleza, a questão deve resolver-se quanto á brevidade das communicações, á segurança e utilidade do serviço.

A via pelo Cabo de Boa-Esperança não merece attenção, por quanto a colonia do Cabo é o unico ponto intermediario onde podem tocar os barcos de vapor com alguma vantagem; e isso mesmo não seria exequivel conforme as monções senão á ida ou á volta. Por tanto, e sendo tão minguado este proveito, que é facil de obter por outro expediente, como o de ligar a carreira da India a Aden pelas Mauricias, não valeria a pena de affrontar em seis mezes do anno os mares mais empolados que temos no mundo. Por certo que não é praticavel esta derrota para o premeditado intento.

A carreira de Levante pelo isthmo de Suez, o Mar-Vermelho, os estreitos de Malaca e de Torres, offerece a immensa vantagem de ter já o serviço regular da India e da China; e na realidade não seria uma carreira nova, mas uma simples modificação entre Singapura e Sidney. Por consequencia as despesas montariam a muito menos. Até nos persuadimos de que a companhia oriental e peninsular de boamente se encarregaria da empresa, concedendo-lhe o governo algum subsidio.

As objecções, que se podem fazer a esta carreira, é ser muito prolongada, dirigir-se ao triangulo das possessões da Australia pelo menor lado, e depender da paz da Europa, e finalmente, não passar por uma nova escala intermedia de consideravel importancia.

A carreira pelo oeste, isto é, pelo isthmo americano, tem contra si as grandes despesas para estabelecer uma linha inteiramente nova; mas tem, sobre as suas concorrentes, as vantagens seguintes.

1.º O trajecto de Londres a Sidney effectuar-se-hia em 68 dias, em logar de 80 dias.

2.° A linha a percorrer começava de frente pela Nova Zelandia, que na carreira do levante ficaria sem frequentação, sem embaraçar o progresso para Sidney.

3.° No caso de guerra europea, a carreira do oeste poderia supprir a do levante para o serviço da India e da China.

4.° E é o ponto capital, a via pelo isthmo do Panamá determina a juncção dos dois oceanos, põe a Europa em contacto com regiões opulentas e susceptiveis de grande desenvolvimento, favorece a emigração para esses paizes até agora mal conhecidos, e que sómente carecem de braços para serem os mais ricos do mundo.

Por occasião do caminho de ferro e do canal que devem ligar o Atlantico ao Pacifico, já se dirigiu a attenção dos especuladores para as recentes republicas de Nicaragua e de Costa-Rica. Uma associação formada ha pouco em Berlin tem por fito explorar as margens do San-Juan, ao mesmo tempo que em Costa-Rica, abundante em minas, e madeiras de preço, e dotada do magnifico Golphe-Dulce, se organisam emprezas gigantes que promettem os mais esplendidos resultados.

Todos estes motivos não podem fazer hesitar na escolha. Uma deputação de membros do parlamento e de capitalistas desenvolveu a these perante o chanceller do *Exchequer*; levou ao conhecimento da repartição competente que só a Nova-Galles, independente das colonias proximas, põe á disposição do governo a somma de sete milhões de libras, só com a condição de que se estabeleça, antes do fim do anno e definitivamente, uma correspondencia regular, mensal, por barcos de vapor, entre a Europa e a Australia.

M. Hayter, secretario geral das finanças, respondeu em nome do chanceller que o ministerio tomou esta vasta empreza tanto a peito, que mandou fazer propostas a diversos constructores para o fabrico dos navios necessarios ao novo serviço. Tudo indica que em breve o globo terrestre será cercado por uma carreira de fortes e leves barcos de vapor, mediante os quaes se fará a circumnavegação em quatro mezes, exactamente o tempo que n'algumas estações gastam certos navios de vela n'uma viagem ao centro do Mediterraneo.

EDUCAÇÃO.

Com empenho recommendamos o seguinte annuncio:

348 Madame Catharina de Andrade propõe-se de abrir um curso de inglez e francez, tres vezes por semana alternativamente, para senhoras que quizerem aproveitar-se deste meio para se aperfeiçoarem no estudo destas duas bellas linguas: o preço ha de ser extremamente modico.

Madame Catharina de Andrade, pela sua longa permanencia em Paris e Londres, julga-se em situação de ser util ás pessoas de distincção que apreciam os estudos litterarios. Recebe tambem pensionistas e dá em sua caza na rua direita do Loreto n.° 56, lições de harpa e piano.

Madame Catharina de Andrade approveita esta occasião para agradecer a todos que lhe prestaram o seu auxilio no concerto de 24 de Janeiro, auxílio que será sempre para ella um motivo de reconhecimento profundo.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 27 de Fevereiro.

349 Fundos publicos de 5 por cento 53 a 54. — Acções do Banco de Portugal 430$000. — Desconto de Notas, 920 por moeda.

Cereaes em 27 de Fevereiro.

Trigo do reino rijo . . .	de 350	a 450	réis	a	bordo.
» » molle .	de 410	a 460	»		»
» da ilha.	de 350	a 410	»		»
Milho do reino.	de 230	a 240	»		»
» da ilha.	de 200	a 205	»		»
Cevada do reino.	de 190	a 200	»		»
» da ilha	de 170	a 180	»		»
Centeio do reino	de 210	a 215	»		»

Estado do mercado, em 27 de Fevereiro.

Algodão de Pernambuco 120 a 125 rs. — Dito do Maranhão 115 a 120 rs. — Dito da Bahia 110 a 115 rs. — Poucas vendas.

Assucar de Pernambuco B. novo 1$350 a 1$550 rs., dito velho 1$200 a 1$350 rs., — Do Rio dito 1$250 a 1$350 rs. — Da Bahia dito 1$250 a 1$350 rs. — Das Alagôas dito 1$150 a 1$200 rs. — Do Pará, bruto 850 a 950 rs. — Mascavado novo 1$100 a 1$150 rs., dito velho 800 a 1$000 rs. — Ultimamente houve algumas vendas para reexportar para os portos de Italia, tendo embarcado 26 caixas, 330 barricas e 816 sacos. As mais vendas limitam-se ao consumo.

Cacáu 1$800 a 1$850 rs. — Effectuaram-se algumas vendas. O deposito é diminuto.

Caffé do Rio — 3$300 a 3$700 rs. — Continúa a grande escacez deste artigo.

Cêra de Angola B. 265 a 270 rs. — Dita A. 252 a 255 rs. — Tem-se effectuado vendas para reexportar e para o consumo.

Marfim de lei 960 a 1$200 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 650 rs. — É procurado, principalmente a qualidade de lei, de que ha falta.

Urzella 6$200 a 6$400 rs. — Algumas vendas se tem realisado para reexportar.

PRAÇAS ESTRANGEIRAS.

350 *Londres*, 18 do corrente — Os consolidados inglezes nos dias precedentes baixaram $\frac{5}{8}$: ultimamente ficaram a 95 e os fundos portuguezes $4\frac{0}{0}$ a 35.

Paris, 17. — Os $5\frac{0}{0}$ continuavam a descer; na semana finda em 9 estavam o 96,50 e no dia 16 ao fechar da praça não obtinham mais de 95. Além da influencia das noticias exteriores que tinham vogado, e chegaram a produzir baixa nos fundos inglezes, accrescia a proximidade das eleições, e a hesitação dos animos quanto á decisão que tomaria a assembléa franceza a respeito do caminho de ferro d'Avignon: todas estas causas deram logar a muitas vendas de inscripções. — Os $3\frac{0}{0}$ ficaram a 57,40, e as acções do banco de França de 2.365 fr. baixaram a 2.325 perdendo no decurso da semana 35.

Berlin, 16. — $5\frac{0}{0}$ a $106\frac{1}{4}$; $3\frac{1}{2}$ a $88\frac{1}{4}$.

Vienna, 14. — $5\frac{0}{0}$ a $95\frac{1}{8}$; $4\frac{0}{0}$ a 74.

Franckfort, 15. — $5\frac{0}{0}$ a 85; $4\frac{0}{0}$ a 65; $2\frac{1}{2}$ a 44.

Turin, 14. — Emprestimo dos $5\frac{0}{0}$ a 89,25.